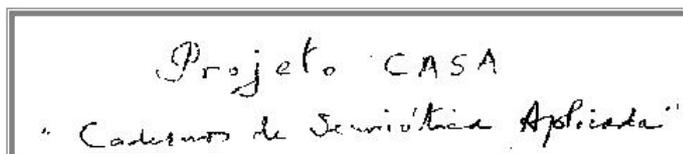


O Desenho do Arquiteto*

Ude Baldan
UNESP-Araraquara, São Paulo, Brasil
udeogb@fclar.unesp.br

*“A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.”
(Fábula de um arquiteto – João Cabral)*



O projeto nasceu em 2000, do sonho do Prof. Ignacio Assis Silva em formar um grupo de pesquisadores para estudar a semiótica poética e da decisão unânime do grupo que ele compôs. O sonho do arquiteto contagiou o grupo e transformou o desenho projetado em projeto de construção.

Tal projeto vinha sendo gestado há bastante tempo. Quem convivia com o Prof. Ignacio sabia de sua angústia em relação ao isolamento que acomete os pesquisadores de áreas específicas, quando não estão vinculados a um trabalho determinado que os faça existir. A necessidade de um plano de estudo mais sistematizado e mais comprometido com os trabalhos recentes da semiótica greimasiana transformou a angústia em desejo. Do desejo à

* Trabalho originalmente publicado na Revista da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - N° 12 -, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p333-342.

sua realização o caminho foi mais curto: ex-alunos e eternos orientandos aceitaram o compromisso com o projeto e com seu arquiteto. O contrato fiduciário que se estabeleceu então sobreviveu à maior adversidade que ele poderia enfrentar e vai seguindo hoje a construção segundo o desenho e o desejo deixados pelo arquiteto.

O projeto prevê o estudo de textos teóricos que cumprirá, pelo menos, duas funções: promover uma convergência conceitual entre os pesquisadores, afastados em pesquisas individuais, e transformar alguns textos teóricos em textos legíveis para os alunos da graduação. Além disso, o projeto conta com a produção de análises de poemas, buscando a aplicação da teoria semiótica estudada atualmente.

Os participantes do grupo são pesquisadores vinculados a diferentes instituições universitárias: FCL-UNESP de Araraquara, UNESP de Bauru, FFLCH da USP, UNAERP de Ribeirão Preto. A finalidade prática imediata desta interinstitucionalidade do projeto é comprometer as diferentes instituições envolvidas, ajudando a tocar o projeto de forma menos burocrática. O desenho do projeto deixou, para os participantes, claramente expressas as suas exigências:

O que se pede: 5 horas semanais de cada um (onde estiver)

1 sábado a cada 3 semanas para sessões de trabalho, alternando as reuniões entre FCL-UNESP de Araraquara e EVOHÉ – Espaço Cultural de Ribeirão Preto

Obs: Presença física nas sessões de trabalho para reforçar a cumplicidade, sobretudo depois de Corpo e Sentido!

Suas exigências: - trabalho metódico

- compromisso com o Projeto Greimasiano.

Obs: Evitar veleidades *interdisciplinares*.¹

As exigências demonstradas no projeto refletiam as preocupações fundamentais do Prof. Ignacio, não só na ocasião da feitura de seu desenho, mas durante toda a sua vida acadêmica. Seu trabalho “de foca”, como costumávamos dizer, privilegiava a entrada vertical no recorte escolhido, buscando o absoluto rigor científico, ainda que isso lhe causasse um certo hermetismo que o notabilizara. A fama de não conceder jamais à facilidade da comunicação lhe rendia alguma dificuldade de relacionamento inicial com os alunos, logo dissipada com suas aulas sedutoras. A advertência sob a forma de simples observação traduz a lição de aprofundamento teórico que marcou sempre o seu trabalho e os trabalhos que orientou.

¹ Trecho extraído do projeto manuscrito deixado pelo Prof. Ignacio. Como o texto é resultado da gravação da primeira reunião do grupo, é possível que apareçam algumas expressões próprias da oralidade. Resolvemos manter o texto tal como foi falado/escrito pelo professor, para alçá-lo à condição de primeiro documento do grupo C.A.S.A.

Tal advertência mereceu do mestre uma espécie de explicação metalingüística:

O projeto contemplará, numa primeira fase, as pesquisas em Semiótica Poética e, numa segunda fase, a Semiótica Plástica.

De início, colocar-se-ão entre parênteses as preocupações (que se reconhecem legítimas) com as dimensões sócio-históricas, histórico-culturais e mesmo psico-semióticas, para concentrar o trabalho naquilo que faz do texto um poema. Tendo aprendido a trabalhar metodicamente a estrutura e o funcionamento do poema, pensa-se ter aprendido e consolidado as bases da Semiótica “tout court”, o que permitirá saltar do poético stricto sensu para o poético semiótico, vale dizer o poético intersemiótico, poético que perpassa as diferentes semióticas².

A suspensão das condições de produção e recepção dos poemas a serem estudados, procedimento sugerido já pelos formalistas russos, obedece ao princípio de imanência afirmado por Saussure e retomado por Hjelmslev, inspirações fundamentais do projeto greimasiano. A homogeneidade da descrição pede a suspensão (e não a exclusão) de fatos extra textuais que possam ser prejudiciais à construção semiótica da significação. Os críticos do estruturalismo nunca entenderam que a análise imanente do texto suspende apenas temporariamente suas condições de produção, chegando nelas a partir do texto, e não o contrário, ensinava o professor.

Com a mesma clareza com que delimitou o objeto de pesquisa, o arquiteto deste projeto traçou o caminho a ser percorrido:

O rastreamento, desde as primeiras formulações sobre Semiótica Poética, à la Jakobson por exemplo, até as colocações de Zilberberg e Fontanille, permitirá mostrar que a função poética jakobsoniana pode ser entendida como uma espécie de formulação “avant la lettre” de um princípio importante na Semiótica de hoje – a noção de semissimbolismo³.

F. Thülemann, um dos principais estudiosos da Semiótica plástica propõe a seguinte equivalência:

o poético: texto verbal :: o plástico : texto visual

Essa equivalência se estrutura sobre o eixo que é o semissimbolismo. Nesse sentido, a função poética jakobsoniana, retrabalhada pela Semiótica atual, deixa de ter

² A citação do projeto manuscrito mantém os grifos do professor Ignacio.

³ Embora alguns autores usem o termo com hífen (semi-simbolismo), respeitamos a grafia tal como está no manuscrito.

incidência apenas intratextual e intrasemiótica para atuar também e principalmente na dimensão intertextual e intersemiótica.

A estratégia adotada é apreender a especificidade do poético no verbal a fim de tentar casá-la com a especificidade do plástico, utilizando como ponte a noção de semissimbolismo. Essa opção decorre também de a maioria dos pesquisadores envolvidos ter maior vivência com a arte da palavra.

Dois óbices:

- as restrições canadenses à noção de semissimbolismo;

- a grita derrideana ao logocentrismo nas Ciências Humanas.

A estes podemos contrapor La parole littéraire de J. Geninasca.

Essa proposta de rastreamento teórico desenha um percurso de construção de sentido que retoma os estudos de Roman Jakobson, incluindo neles o olhar aprendido com a Semiótica. A função poética de Jakobson, traduzida pelo princípio de projeção, encontra na noção semiótica de semissimbolismo o correspondente teórico que pode operacionalizar o texto poético, ou, como diria Jakobson, que coloca o poema em ação.

Por onde começar?

Tal pergunta, freqüente nos ensinamentos do mestre, ganha explicações que lembram a planta baixa do arquiteto: mais que a divisão em partes, o que caberá em cada parte, como estaremos nós, pesquisadores, em cada parte a ser construída.

Por Raison et poétique du sens, de Cl. Zilberberg, mais precisamente pela segunda parte: Sémiotique et poésie, pelo capítulo que se intitula Etat de la description formelle.

Aí Zilberberg começa reconhecendo o débito que os estudos sobre Poética têm com Roman Jakobson.

Está-se propondo o texto de Zilberberg como pivô de uma gangorra, na qual se possa executar um recuo em direção às colocações chave jakobsonianas para vir rastrando aqueles conceitos e/ou artigos mais citados/comentados pelos semioticistas com que vamos trabalhar e vir retrabalhando-os nos termos da Semiótica Poética de hoje. Nesse percurso deparamo-nos com o próprio Zilberberg (em co-autoria com J. Fontanille), Tensão e Significação (na tradução de Tatit, Lopes e Bevidas) com outros trabalhos de Zilberberg (publicados ou não), com trabalhos menos espinhosos (mas ainda espinhosos) de J. Fontanille, com o texto já citado de J. Geninasca bem como com o texto de Denis Bertrand. Desse modo Etat de la description formelle funcionará como pivô de uma gangorra que estará sempre num jogo dinâmico.

Neste rastreio poderão aparecer outros nomes (incluir-los ou não será decisão a ser tomada pela equipe em função do andamento dos trabalhos); J. C. Coquet? J.

Cohen? Meschonic?

A planta baixa do nosso arquiteto mestre não pára aqui. Além do desenho teórico, ela prevê algumas alternativas diante de certas dificuldades que possamos encontrar na construção da casa. Dificuldades com a metalinguagem, ou com a (falta de) estratégia de análise. O que fazer diante disso? Mais uma lição:

Carregar todas as pedras do caminho? Não! Vamos abandonar algumas! Quantas? Poucas? Muitas?

Vamos ter de tirar conceitos e ater-nos a uma ou duas dúzias dos mais acessíveis e testa-los pondo em prática.

Vamos encontrar:

- textos difíceis;*
- textos extremamente agradáveis apesar de certa dificuldade;*
- textos, ou melhor, conceitos que poderemos aplicar quase tais e quais.*

Uma coisa é certa: temos de produzir textos com bom teor de legibilidade.

Diante das dificuldades:

*1ª solução: traduzir textos teóricos de base e, à maneira dos helenistas medievais, glosar os passos difíceis, deixando clara, porém, a intervenção Exemplo: o procedimento dos semioticistas italianos na elaboração do *Lessico de Semiótica Visiva*.*

*2ª solução: debruçar-nos sobre os textos difíceis e, à semelhança do que o *Atelier Contrato Fiduciário* vem fazendo, preparar um texto mais acessível aos trabalhos de aplicação. Pessoalmente, acho que o nosso trabalho será esse: construir um discurso de mediação.*

*3ª solução: partir, cedo, para a redação de textos didáticos, por exemplo, dando conta do percurso que vai da função poética jakobsoniana até semissimbolismo, a fim de consolidar as leituras mais produtivas que se fizeram da proposta jakobsoniana e, a seguir, ir mostrando através de textos que vamos lendo/retrabalhando/parafraseando, as transformações do conceito até chegarmos à *Semiótica do Semissimbolismo*. É um exemplo de caminho possível.*

Em síntese, teremos:

- 1. Texto teórico;*
- 2. Texto de entendimento (que nos cabe produzir);*

3. *Entendimento em cima de texto(s)-objeto.*

Não só os textos teóricos foram pensados. Também os poemas (poetas?) foram preocupação do professor Ignacio. A pressa em definir os poemas de autores em língua portuguesa com que iríamos trabalhar devia-se ao papel do texto concreto em relação à teoria. Sobre isso, nos dizia o mestre:

Por que a insistência no trabalho sobre texto concreto? Porque o texto concreto é o melhor texto para a produtividade da teoria e para a produtividade da leitura. Sentindo-se que esta não é produtiva, ela não deve ser passada adiante (já que estaremos escrevendo para alunos de graduação). Para esse aluno, o conceito tem de ser produtivo, tem de ser uma ferramenta operacional.

O texto mediador deve contemplar as seguintes condições para ser eficaz:

1. *Teor adequado de legibilidade*
2. *Provocar impacto*
3. *Ter interesse humano*

O texto manuscrito deixado pelo Prof. Ignacio registra, também, uma série de observações e questionamentos que os pesquisadores do grupo foram fazendo ao longo da exposição do projeto. Algumas passagens merecem registro, quer pela posição epistemológica do mestre, quer pela graça com que defendia suas posições teóricas.

Nós nos defrontaremos com o descrédito em relação à teoria e com o torcer o nariz para qualquer coisa que lembre, por longe que seja, o estruturalismo dos anos sessenta. As condições da Semiótica no Brasil são tão ou mais desfavoráveis que na Itália onde, segundo G. Marrone, se retorna a um estado pré-estruturalista e pré-fenomenológico. Além disso, o brasileiro é um apressado: se a semiótica não dá conta, corre para Jauss, para Bakhtin, para Foucauld... Volta-se a algo que não é anti-semiótico, mas ante-semiótico, que é da ordem da semiologia. Por exemplo, a grita dos derrideanos e foucauldianos contra a Semiótica, na realidade não é contra a Semiótica, mas contra o que, no contexto francês, Greimas situa numa etapa pré-Semiótica, a da Semiologia, esta sim, mais estruturalista do que estrutural. (...)

[Em relação à Análise do Discurso]A Semiótica vem, já há alguns anos, trabalhando no sentido de oferecer instrumentos para dar conta não apenas da mise en texte, mas também da mise en contexte. Mas, além disso, a grande diferença entre os textos que constituem a preocupação dominante na AD e os textos que a Semiótica literária trabalha é que uma das funções próprias do texto literário é criar, é inserir, é integrar no texto o seu contexto (P.Ricoueur). Esse trabalho de integração, temos de lê-lo na dimensão da enunciação enunciada.

(...)

...não se estuda semiótica sozinho. Essa não é uma ciência solitária. Aliás, duvido que exista alguma ciência solitária. Muito depressa se cai no solepsismo.

(...)

[Antes e depois da Semiótica das Paixões] Faz-se necessário o remanejamento do modelo desde seus alicerces. Não se concebe o trabalho com as paixões que não se dê conta do que representou para a teoria o seu advento, a guinada e o repensar de todo o projeto greimasiano.

Embora sentindo necessidade de um instrumental que a gente não tem, fica-se dando uma semiótica dos anos 80 para trás e reclamando: “Essa semiótica não está com nada! Não leva em consideração o contexto! Essa semiótica ignora a História! Ignora a Cultura!” Acumulam-se insatisfações a que, de algum modo, temos de responder. O projeto se propõe a rastrear algumas dessas respostas, testando-as na prática. A alternativa: calarmo-nos?

Não é o caso, pois este grupo, no contexto brasileiro, é o que tem condições de enfrentar um desafio como esse. Desafio! Resolver ou não é o andamento do Projeto que vai dizer.

*Uma coisa para a qual J. Fontanille chama a atenção: não se pode continuar fazendo uma semiótica que imita o estilo de Greimas em *De l'imperfection*. É um livro que engana: a escritura “light” disfarça questões fundamentais e difíceis da Semiótica de hoje. Manter vivo o pensamento de Greimas não se consegue produzindo uma Semiótica “light” que apenas recoloca problemas já colocados, às vezes de maneira mais saborosa, em *De l'imperfection*. É preciso “passar às coisas sérias” e enfrentar o desafio dos desdobramentos epistemológicos e teóricos.*

(...)

[Quanto à dificuldade do estilo de Zilberberg] À vista disso, o melhor é reter não os conceitos, mas os processos do pensamento de Zilberberg. Não se trata apenas de entender a metalinguagem zilberberguiana, mas de aprender a conviver com um pensamento em construção.

Cuidar dos aspectos didáticos é, a rigor, menos a tarefa do pensamento em construção do que dos discursos mediadores, como aquele que estamos nos propondo a construir aqui.

Parece, pois, bastante prudente procurar sedimentar, não a terminologia, mas o processo de construção do discurso semiótico.

Essas últimas considerações servem para acentuar que não se trata de um projeto a ser facilmente assumido: a adesão a ele solicita-nos não apenas na ordem da inteligibilidade, mas também da afetividade, nesta talvez mais do que naquela.

É indispensável que nossas inquietações e interrogações se mantenham antenadas nas grandes linhas das questões que a Semiótica desses últimos 10 a 15 anos vem agitando. Não se está propondo que se faça pesquisa de ponta; o que se quer é que a

aplicação da Semiótica não ignore as propostas que vêm se sedimentando no decorrer desses anos.

Para quem conheceu o Prof. Ignacio, tal desenho de projeto comprova o interesse que o moveu em seus últimos dias. O entusiasmo percebido nas reuniões e nas páginas manuscritas, com sua riqueza de detalhes, deixa ver um arquiteto comprometido com a construção do que metaforicamente ele chamou de CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada. Definição que ultrapassa o arquiteto em “estado de dicionário” foi criada pelo poema de João Cabral, de que ele tanto gostava⁴: “o que abre para o homem portas por-onde livres: ar luz razão certa”.

Referências

BERTRAND, D. [2000] – Précis de sémiotique littéraire. Paris: Éditions Nathan HER.

FONTANILLE, J. & Cl. ZILBERBERG [2001] – Tensão e Significação. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH.

GENINASCA, J. [1997] – La parole littéraire. Paris: PUF.

GREIMAS, A.J. [1987] – De l'imperfection. Périgueux: Pierre Fanlac.

ZILBERBERG, Cl. [1988] – Raison et poétique du sens. Paris: PUF.

⁴ Há um trabalho do Prof. Ignacio publicado na Revista Alfa, nº 26 de 1982 com o nome “Para uma leitura semio-lingüística de ‘Fábula de um Arquiteto’, de João Cabral”.

É indispensável que nossas inquietações e interrogações se mantenham antenadas nas grandes linhas das questões que a Semiótica desses últimos 10 a 15 anos vem agitando. Mas se está propondo que se faça pesquisa de ponta, o que se quer é que a aplicação de Semiótica não ignore as propostas que vêm se sedimentando em Semiótica no decorrer desses anos.

Na próxima reunião será retomada a especificação do objeto do Projeto. Para tanto, cada membro da equipe deve indicar a mim ou ao Sr. o poema ou conjunto de poemas que deseja trabalhar.

Assis, 01.07.2000
 U. BALDAN